



Reflexão de Carl Jung sobre a Matemática na Escola¹

Jung C. G.²

O colégio me aborrecia. Tomava muito do tempo que eu teria preferido consagrar aos desenhos de batalhas ou a brincar com fogo. O ensino religioso era terrivelmente enfadonho e as aulas de matemática me angustiavam. A álgebra parecia tão óbvia para o professor, enquanto que para mim os próprios números nada significavam não eram flores, nem animais, nem fósseis, nada que se pudesse representar, mas apenas quantidades que se produziam, contando. A minha grande confusão era saber que as quantidades podiam ser substituídas por letras – que são sons de forma que se podia ouvi-las. Para minha surpresa, os outros alunos compreendiam tudo isso com facilidade. Ninguém podia me dizer o que os números significavam e eu mesmo não era capaz de formular a pergunta. Com grande espanto descobri que ninguém entendia a minha dificuldade. Reconheço que o professor se esforçava consideravelmente no sentido de me explicar a finalidade de singular operação que consiste em transpor em sons quantidades compreensíveis, mediante o emprego de um sistema de abreviações, de modo a representar numerosas quantidades com a ajuda de uma fórmula abreviada.

Isso não me interessava em absoluto. Eu achava excessivamente arbitrário exprimir os números por sons. Porque, então, não fazer de a uma amoreira, de b uma bananeira, de x um ponto de interrogação? a, b, c, x e y nada me significam e, segundo me parecia, esclareciam menos acerca do número do que a amoreira, por exemplo! Entretanto, o que mais me irritava era o princípio: "se $a = b$ e se $b = c$, então $a = c$ ". Tendo sido dado, por definição, que a é diferente de b, por conseguinte não pode ser igual a b, e ainda menos de c. Quando se trata de uma igualdade, diz-se que $a = a$, $b = b$, etc. Mas dizer que $a = b$ me parecia uma fraude evidente, uma mentira. Sentia também a mesma revolta quando o professor, contradizendo sua própria definição das paralelas, afirmava que elas se encontravam no infinito. Isto parecia-me trapaça estúpida que eu não podia nem queria aceitar. Minha honestidade intelectual revoltava-se contra esses

¹ Digitalizado por Analucia Castro Pimenta de Souza, Célia Barros Nunes, Fernanda Menino e Tatiane da Cunha Putti, alunas do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.

² Jung, C. G. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1963, p.38-40.

jogos inconsequentes que me barravam o caminho à compreensão das matemáticas. Até idade avançada conservei a convicção de que, se nesses anos de colégio tivesse podido admitir sem me chocar, como meus colegas, que $a = b$, ou que sol = lua, cão = gato, etc as matemáticas ter-me-iam enganado para sempre. Foi preciso esperar meus oitenta e três anos para chegar a esta conclusão. O fato de nunca ter conseguido encontrar um ponto de contato com as matemáticas (embora não duvidasse de que era possível calcular validamente), permaneceu um enigma por toda a minha vida. O mais incompreensível era a minha dúvida moral quanto à matemática.

Eu só podia compreender as equações quando substituíam as letras por algarismos, confirmando assim mediante um cálculo concreto, o sentido da operação. Foi penosamente, portanto, que me equilibrei nessa matéria, copiando as fórmulas algébricas cujo conteúdo permanecia misterioso para mim, e decorando a combinação de letras que foi colocada num determinado lugar do quadro-negro. Mas ao refazer os cálculos, ficava frequentemente confuso, pois o mestre dizia às vezes: "Aqui, nos introduzimos a "expressão"..." e escrevia algumas letras no quadro-negro. Eu não sabia de onde vinham, nem por quê!... Provavelmente para tornar possível uma conclusão que o satisfizesse. Ficava de tal forma humilhado com minha impossibilidade de compreender, que não ousava qualquer pergunta.

As aulas de matemática tornaram-se o meu horror e o meu tormento Mas como tinha facilidade nas outras matérias, que me pareciam fáceis, e graças a uma boa memória visual, conseguia desembaraçar-me também no tocante à matemática: meu boletim era bom, mas a angústia de poder fracassar e a insignificância da minha existência diante da grandeza do mundo provocavam em mim, não apenas mal-estar, mas também uma espécie de desalento mudo que acabo, por me indispor profundamente com a escola.